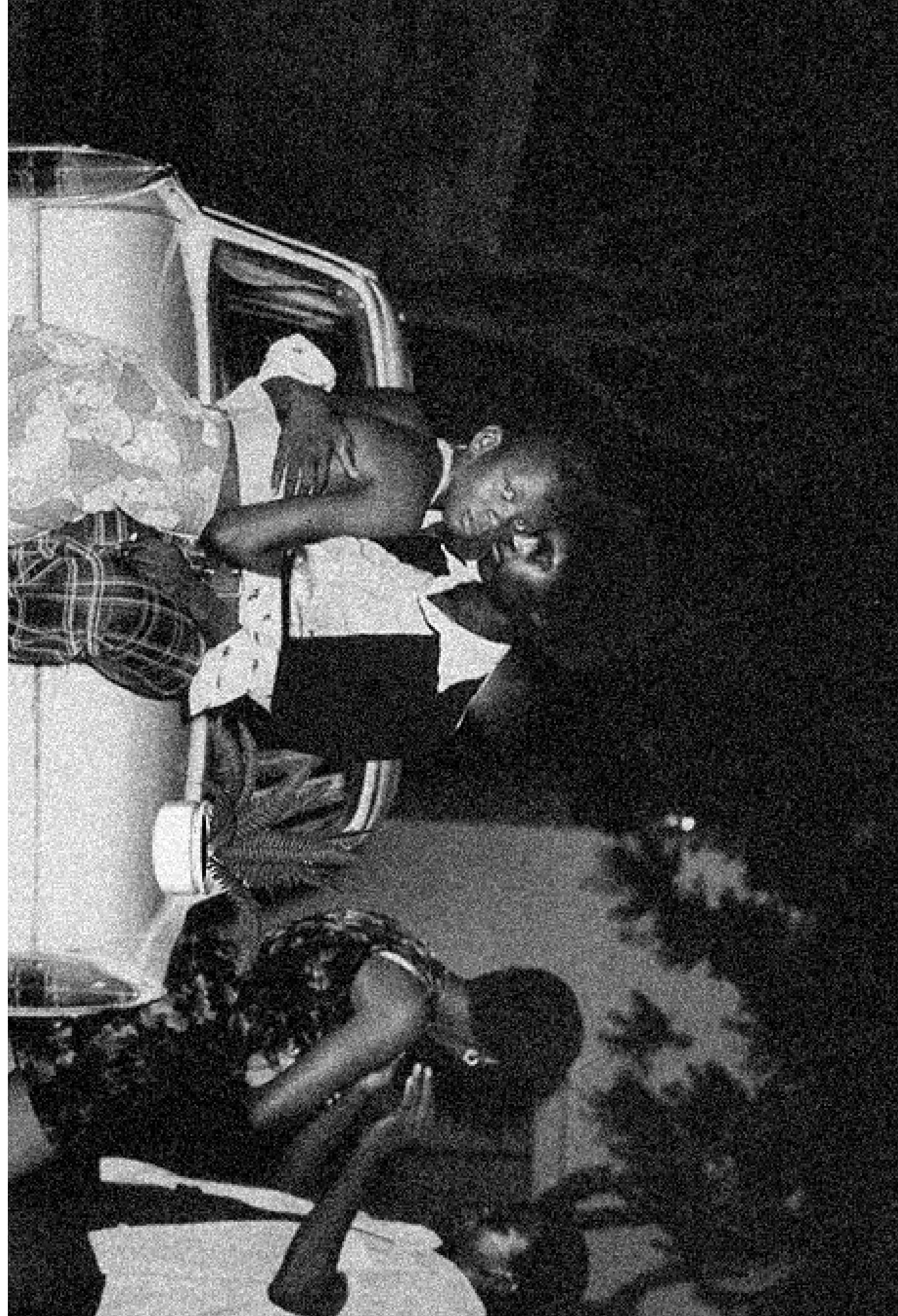


SARRADA NO BREJO A FESTA

COLETIVA LUANA BARBOSA é formada por 5 mulheres negras e afroindígenas, residentes da periferia de SP. São mulheres de formações diversas, atuantes em áreas diferentes que têm em comum a garra e a vontade de lutar por dias melhores para todas as mulheres negras, especialmente as lésbicas e bissexuais. Nasceu em 2016, “do luto a luta”, com o brutal assassinato de Luana Barbosa dos Reis - Mulher negra, lésbica, periférica, mãe e não feminilizada agredida violentamente pela PM - em Ribeirão Preto - SP decidimos nos unir em uma coletiva para desenvolver ações voltadas a essa parcela da população que sofre com a invisibilidade constante dentro dos meios de comunicação, nos aparatos do Estado e até mesmo dentro dos movimentos sociais. Este texto foi escrito por Fernanda Gomes e Renata Alves.





Em 2017, o Brasil era classificado como um país relativamente seguro para a população LGBT, segundo o Spartacus Gay Travel Index¹. Apesar da queda no Index nos anos mais recentes, a mídia vende uma imagem distorcida do país, o Brasil não é um país seguro para esta população. No caso do estado de São Paulo, mulheres que se relacionam entre si estão em perigo constante. Conforme dados apresentados pelo Dossiê sobre o Lesbocídio no Brasil², em 2016, o estado de São Paulo foi responsável pelo maior número de mortes de lésbicas, atingindo o percentual de 20% das ocorrências no país. As cidades onde ocorreram as mortes foram: Araruama, Itanhaém, Mogi das Cruzes, Paraguaçu Paulista, Ribeirão Preto e São Vicente.

O conservadorismo presente na sociedade marca a vida de muitas mulheres que não estão dentro de um padrão normativo, sendo assim, muitas delas passaram longos períodos de suas vidas sem ter acesso a espaços públicos e privados que ofereçam algum tipo de cultura e lazer. Em poucas palavras, estar fora dos padrões, é também ter dificuldade de acessar a cidade. Vamos acompanhar, neste artigo, as dificuldades e proezas da organização da festa Sarrada no Brejo – primeira festa exclusiva de mulheres na cidade de São Paulo.

1
Spartacus Gay Travel Index,
disponível em [https://
spartacus.gayguide.
travel/blog/gay-travel-
index-2019/](https://spartacus.gayguide.travel/blog/gay-travel-index-2019/)

2
Dossiê sobre o Lesbocídio
no Brasil, disponível
em [https://dossies.
agenciapatriciagalvao.org.
br/fontes-e-pesquisas/
wp-content/uploads/
sites/3/2018/04/Dossiê-
sobre-lesboc%C3%ADdio-
no-Brasil.pdf](https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/fontes-e-pesquisas/wp-content/uploads/sites/3/2018/04/Dossiê-sobre-lesboc%C3%ADdio-no-Brasil.pdf)

"A cidade pertence a quem detém poder (econômico, político e social), se ajustando às normas estabelecidas por esses setores. A cidade é pensada, [...], constituindo-se num sistema fechado, assimilando não só o caráter da vida comunitária, mas os conflitos internos e os interesses dominantes na sua constituição. De fato, ao analisarmos com mais cautela, podemos reparar a quem se destina a cidade: a ausência de políticas públicas para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais visando sua proteção e a garantia de acesso aos direitos capazes de afirmar o princípio basilar da dignidade da pessoa humana é uma prova gritante que a cidade se fecha em torno da heterossexualidade".
(CARVALHO; MACEDO JÚNIOR, 2017)

Quantos espaços de lazer e cultura na grande metrópole do Brasil são destinados à população LGBT? Quantos conseguem receber com segurança mulheres que amam mulheres? Para além da presença física, quantos espaços planejam e elaboram espaços para essas mulheres, atraindo-as, falando sua linguagem, e o mais importante, ouvindo-as? Construir um lugar exclusivo de mulheres é reafirmar que é necessário criar um espaço de proibição do masculino para que elas tenham algumas horas de paz, pois a sociedade falhou e falha no que há de mínimo na proteção dessas mulheres.

Há três anos, inspiradas na famosa e saudosa festa “Don’t touch my hair” e “Baile de favela”, um grupo de mulheres periféricas decidiu romper com o medo de acessar a cidade e apostar em um espaço preto, feminino, para mulheres que amam mulheres e que vivem em diferentes pontos desta enorme cidade. Um espaço onde pudessem se encontrar e viver por algumas horas uma liberdade que está longe de seu cotidiano. A festa Sarrada no Brejo foi pensada com o objetivo de produzir afetividade, cultura, lazer e parceria.

UM ESPAÇO PARA CHAMAR DE NOSSO

Dentro da construção da caminhada de Lésbicas e Bissexual de 2016, o GT de mulheres negras foi o responsável por planejar atividades que angariassem fundos em prol da caminhada. Decidiu-se produzir uma festa exclusiva de mulheres. A segunda fase desse processo foi pensar em um nome que chamasse a atenção do público e que representasse as mulheres periféricas. Discutiram-se várias combinações de nomes, no momento, o que estava em alta

nos bailes periféricos eram os movimentos de “sarrar”, juntando isso à representação que “brejo” tem para mulheres que amam mulheres, ficou assim denominada e batizada a “Sarrada no Brejo”. O nome da festa criou grande repercussão e aguçou os sentidos das mulheres que ansiavam por uma festa exclusiva.

Não se falava de outra coisa na comunidade lésbica e bissexual da cidade de São Paulo, a ansiedade coletiva tomou conta das “cola velcro”. Assim, na semana da Caminhada de Mulheres Lésbicas e Bissexuais, em maio de 2016, numa noite de calor e animação, chegou a tão sonhada festa. A fila da casa noturna onde aconteceria a “Sarrada no Brejo” virava quarteirões, com mulheres de todos os estilos, cores, cabelos e regiões de São Paulo e suas redondezas. Entretanto, a chuva nos pegou de surpresa, e com ela, ventania, granizo e trovões. A casa noturna não comportou a chuva e alagou, o teto não aguentou a pressão e parte do gesso veio a baixo. Houve tumulto para sair da casa e da rua alagada, a maioria das mulheres se abrigou debaixo de um posto de gasolina nas proximidades. As mulheres que moravam na região central abrigaram em suas casas aquelas que conseguiram, tendo em vista que a maioria do público morava nas periferias da cidade. Outras que estavam sem abrigo, ficaram no posto cantando, dançando, conversando e acolhendo as organizadoras em prantos.

Enquanto construímos a caminhada de Mulheres Lésbicas e Bissexuais, e a “Sarrada no Brejo”, dentro do grupo de trabalho das Pretas, em 2016, nos deparamos com a brutal notícia do assassinato de Luana Barbosa dos Reis – mulher negra, lésbica,

periférica, mãe e não feminizada que foi agredida violentamente e morta pela PM em Ribeirão Preto-SP. A tragédia com Luana nos aproximou. Nos fez deparar com a violência do Lesbocídio e o perigo que está em se relacionar com mulheres. Decidimos nos unir em torno de uma coletiva para desenvolver ações voltadas a essa parcela da população que sofre com discriminação e violência, agravadas com a invisibilidade constante dentro dos meios de comunicação e nos aparatos do Estado. O caso Luana também nos fez refletir sobre a comoção seletiva dos movimentos sociais que não levantam nossas bandeiras, nem defendem nossos corpos.

Resolvemos dar o nome de Luana Barbosa à Coletiva por todo o conhecimento que nos trouxe e para que nunca esquecêssemos esse caso. Nossa perspectiva é movimentar outras mulheres com o objetivo de denunciar violências contra lésbicas e bissexuais, principalmente pretas e periféricas. Contudo, não é somente por meio da violência que traçamos nossa existência, a Coletiva também visa fazer com que possamos pertencer àquilo que nos é negado, à cidade, logo, à cidadania.

Depois da Caminhada, seguimos em Coletiva e percebemos que as mulheres que estiveram presentes na “festa” ficaram com um sentimento de frustração, assim como a organização. Foi decidido então tentar novamente, mas encontrar um espaço que aceitasse uma festa exclusiva de mulheres tornou-se uma tormenta. A maioria dos lugares já negava de cara, outros debochavam da capacidade de uma festa “assim” dar certo. Percebemos que muitas casas de show preferem fechar as

portas do que trazer um público novo ou indesejado, no caso, mulheres lésbicas e bissexuais.

Após muitas pesquisas e andanças, o lugar foi encontrado no centro de São Paulo, a primeira festa exclusiva de mulheres foi criada e, com ela, uma nova mentalidade de lazer e cultura, feito histórico. Intitulada como “Sarrada no Brejo – O Retorno”, em uma noite de primavera, 21 de outubro de 2016, aconteceu a primeira edição efetiva da festa.

“A Sarrada no Brejo não é só uma festa, mas também um ato de resistência para nós, onde podemos usufruir da nossa liberdade sem medo. ASSIM FAZEMOS NOSSA CELEBRAÇÃO, um encontro de trocas, desde dançar, estar com mulheres negras de quebrada, reconhecimento e desconstruir padrões estéticos aos quais somos condicionadas a todo momento. Me sinto respeitada, quase uma extensão do meu quintal” (ALESSANDRA NORONHA, organizadora).

Cabe ressaltar que aquela não era somente uma noite quente que trazia ao centro de São Paulo apenas uma proposta de entretenimento exclusiva para mulheres. Aquela era uma grande ousadia! Uma festa apenas de mulheres, produzida por “minas” negras e de quebrada. Um espaço de livre circulação de afeto, construção de laços e desconstrução de padrões estéticos hegemônicos, buscando o empoderamento de corpos gordos e negros.

"Eu já havia frequentado outras festas que "diziam ser só de mulheres", mas eram roles diferente da sarrada. Eu ia e não conseguia me soltar, geralmente essas outras festas eram produzidas para outro público, público ao qual eu não pertencia, dentro de um padrão branco e magro. Então a primeira vez que fui à sarrada, GRITEI DE ALEGRIA, AQUELE ERA O MEU ROLÊ" (TATIANI STOLF, frequentadora).

A Coletiva Luana Barbosa entende que vivemos em um estado patriarcal e lesbofóbico, logo, o mercado de trabalho também reproduz essa lógica, principalmente com mulheres lésbicas e bissexuais que não reproduzem estereótipos de "feminilidade", que encontram dificuldades para sobreviver a esse sistema heteronormativo branco. Por esse motivo, a coletiva vislumbrou na festa uma maneira de contribuir economicamente com essas mulheres, de maneira rotativa. Para além das questões econômicas, valorizamos a arte e a produção cultural dessas mulheres e abrimos nossas portas para que elas possam apresentar o seu trabalho, como DJ, produzindo, fotografando, expondo sua arte, por exemplo. Nossa composição é formada apenas por mulheres não brancas e periféricas.

"Vejo a Sarrada como liberdade, espaço seguro para ser quem é, sem julgamento. Espaço de empoderamento das meninas onde conseguem se reconhecer e entender como são lindas e maravilhosas dentro de sua individualidade. ESPAÇO DE VÍNCULOS, amizades que continuam para além da festa" (MARCIA FABIANA, organizadora).

A verba arrecadada entre as mulheres que "sarram" na festa sempre teve e terá destino, pois ENTENDEMOS A IMPORTÂNCIA DE SOMAR A OUTRAS COMPANHEIRAS.

"Uma das coisas que acho mais incrível na festa, é o diálogo da organização com as mulheres que frequentam a festa como, por exemplo, as campanhas contra o assédio; a conscientização sobre violência entre mulheres; as campanhas de arrecadação de alimentos, roupas e outras coisas para pessoas em situação de rua." (TATIANI STOLF, frequentadora).

A proposta da festa é fugir dos eventos estereotipados da cena lésbica e bissexual, criando um lugar seguro para as mulheres se divertirem sem correr o risco de sofrerem racismo, misoginia, assédio, preconceitos e qualquer tipo de abuso:

"CHEGUEM MALANDRAMENTE e separem o dia 28/05 para dar aquela Sarradinha. respeite o espaço da outra, sarrar é bom mas só com consentimento, viu?!" (Trecho de divulgação da Sarrada na Agenda Preta, 2017).

As Djs (chamadas de "dedilhadoras") estão legitimadas a tocarem todos os ritmos musicais, rola desde funk como MC Carol, MC Pikenô, Ludmilla, a Inês Brasil, não falta pagode, anos 90, como Exaltasamba, Raça Negra, Katinguelê e Negritude Jr., passando pelas deusas do Pop, Beyoncé e Rihanna, e apresentações de grupos de Hip Hop e Rap feminino, como a rapper lésbica Luana Hansen.

Em todas as festas, temos atrações que prendem a atenção das frequentadoras, "Lap Dance", concurso de "Sarrada no Ar" ou de "Passinho", e a Roda Coco, que é realizada desde a primeira edição, trazendo a ancestralidade e a tradição de mulheres do nordeste do país. As mulheres que compõem o Coco são as próprias integrantes da festa, mas já recebemos participações especiais como Janaína Cunha e Jaqueline Cunha, e Lu do Coco. São momentos muito aguardados da festa.

A decoração é feita com muito carinho sobre o tema escolhido ou algo que represente a demanda do público.

Além das festas em Casas Noturnas no centro de São Paulo, foram também realizadas festas na periferia da Zona Leste, normalmente em casas com piscinas, denominadas de “Pererecolândia”.

A quantidade do público não era uma preocupação para a organização nos primeiros meses, os números variaram entre 300 e 500 mulheres, sendo que o objetivo da festa nunca foi lucrativo. Contudo, queríamos que a proposta se autossustentasse, o que de início deu certo, chegando a contar com 853 mulheres na primeira edição de carnaval. Porém, com a conjuntura econômica que o país vivia nos anos de 2017/2018, a crise também atingiu as festas da Sarrada.

"Para mim, a Sarrada significa liberdade de poder ser quem é. De sentir bonita e desejada como nunca fui em outros espaços (mas desejada pelo que sou por dentro e fora); são vínculos e amizades que levamos para além do rolê e é eclética" (MICHELI MOREIRA, organizadora).

Atualmente, o público estabelecido e fiel da Sarrada é de mais ou menos 200 mulheres. A festa se tornou mais do que isso: é também um espaço de amizade, onde a maioria se conhece fora do espaço físico da festa, combinam encontros, mantêm um grupo no “Whats” há anos com mais de 100 meninas.

A organização da Sarrada preza sempre por uma festa de qualidade, não importando a quantidade de público, todas serão tratadas de forma igual e terão o melhor da festa.

A Sarrada no Brejo é um projeto que contém vários diferenciais, mas o melhor deles é a inclusão de mães nesse espaço de lazer, que tanto falta em suas vidas por escassez de tempo, não ter com quem deixar seus filhos e até pagar para alguém ficar com eles. Pensando nisso, surgiu o “Brejinho do Pijama”, um espaço seguro onde essas mulheres podem deixar seus filhos pelo período que a festa acontece, gratuitamente.

Quem acompanha as crianças geralmente são mulheres que trabalham nas mais variadas áreas, mas, principalmente, no campo da educação; mulheres que se dispõem a contribuir sem nenhum custo e outras que necessitam ganhar um trocado. Geralmente é pago uma ajuda de custo, visto que a organização não tem grandes recursos disponíveis.

Os locais da creche são sempre casas de mulheres que as dispõem com muita confiança no trabalho da organização. As crianças fazem atividades lúdicas, assistem a filmes, brincam, comem, bebem e quase sempre caem no sono. As mães, juntamente com as cuidadoras e as organizadoras, se comunicam em grupo de “Whats”, combinando horários, endereços, e com essa articulação vão se conhecendo, pensando nas atividades que serão realizadas e, automaticamente, a rede de afeto entre mães lésbicas e bissexuais vai sendo construída, sem que essas mulheres deixem de ser mulheres.

"Sobre a melhor festa de São Paulo: ser mãe é apavorante, fica difícil pensar em ter uma vida social, em ser ativista em algum movimento, em namorar de novo, porque mães são mães em tempo integral."

Como é possível ser mulher também em um país que vê a mulher como reprodutora e cuidadora do lar?

A primeira vez que fui em uma roda de conversa em que a Coletiva Luana Barbosa estava mediando, fiquei incrédula quando li no evento do Facebook que teria creche para as crianças. Quando cheguei no evento, os sorrisos abertos para mim e para minha filha logo me disseram que ali eu poderia estar segura em ser a mulher que nunca quis deixar de ser! Nos levaram até a sala onde tinham algumas crianças e 3 adultos para ficarem com elas. E no decorrer do evento, das vezes que fui até a sala conferir se estava tudo bem, percebi que aqueles adultos estavam cuidando de verdade da minha filha, existia qualidade e preocupação no cuidado, não era apenas “pra passar o tempo”.

Foi a primeira vez que tirei um pouco do peso dos ombros que a maternidade me colocou. Nas festas Sarrada no Brejo, além de ter encontrado meu lugar por questões

raciais e estéticas, percebi também que este pertencimento se estendia à minha filha. Na creche da Sarrada, as cuidadoras deixam de se divertir na festa para passar aquele tempo com as crianças.

Foi a primeira vez também que não me julguei uma mãe ruim por deixar minha filha com alguém para poder me divertir. Aquele olhar de julgamento que as mães sofrem quando querem sair e deixam os filhos com os parentes, aquele olhar que diz que uma mãe se divertir sem o filho é muita irresponsabilidade, aquele olhar que eu não queria pra mim, aquele olhar eu não precisava mais aturar, pois a coletiva entende a mãe como mulher, entende a necessidade de ajuda que as mães têm.

Dividir a maternidade mesmo que por poucas horas em uma noite do mês, é de um alívio imensurável. Eu não conheço nenhum outro grupo de pessoas que se propõe a ficar com os filhos para as mães se divertirem numa festa. Não conheço nenhum outro grupo com tanta empatia assim. É necessário, é acolhedor, é esperançoso e é um trabalho fortalecedor. Enquanto o mundo tenta excluir crianças e consequentemente as mães dos lugares comuns, a Coletiva Luana Barbosa acolhe e empodera!" (CARLA FRANCINE, frequentadora).



GRITEI DE ALEGRIA,
AQUELE ERA **O MEU ROLÊ!**